

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES  
DIVISÃO DE TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE OFICIAIS DE CHANCELARIA  
PAULO HENRIQUE VIEIRA BRAZIL VALE  
RELACIONAMENTOS AFETIVOS ENTRE CIDADÃOS BRASILEIROS E TURCOS  
BRASÍLIA – DF  
2015

PAULO HENRIQUE VIEIRA BRAZIL VALE  
RELACIONAMENTOS AFETIVOS ENTRE CIDADÃOS BRASILEIROS E TURCOS  
Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Especialização dos Oficiais de  
Chancelaria – CEOC, promovido pelo Ministério das Relações Exteriores.  
Brasília – DF  
2015

Dedico este trabalho a meu companheiro, a minha família, a meus chefes e colegas do Consulado-Geral do Brasil em Istambul, por seu incansável empenho no auxílio a nossos compatriotas na Turquia, e aos brasileiros e brasileiras que se relacionam ou já se relacionaram com turco(a)s e que tiveram a boa-vontade de colaborar com esta monografia.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar aqui, em breves palavras, meus mais sinceros agradecimentos àquelas pessoas que foram de fundamental importância para a realização deste trabalho.

Às colegas Adriana Celayir, Laila Winther, Viviane Oliveira e Tuna Güçdemir, esta última, da Embaixada do Brasil em Ancara, pelas valiosas sugestões e por me possibilitarem o acesso aos entrevistados e a alguns dados utilizados neste trabalho.

Às pessoas que responderam ao questionário, por sua paciência e boa vontade em conceder um pouco de seu tempo e compartilhar seus conhecimentos e/ou suas histórias comigo.

A todos aqueles que contribuíram com sugestões e informações e, de alguma maneira, tornaram possível esta monografia.

*“O Homem vale pelo que ele serve, não pelo que sabe e muito menos pelo que tem”.*

(Manuel Velasco)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre o tema “relacionamentos afetivos entre cidadãos brasileiros e turcos”.

O tema é bastante atual. A crescente mobilidade internacional gerada pelo fenômeno da globalização e as facilidades proporcionadas pela comunicação virtual aumentaram significativamente o número de relacionamentos entre cidadãos brasileiros e turcos. Desde a instalação do sistema consular integrado (SCI) no Consulado-Geral do Brasil em Istambul, em 2011, foram registrados 51 casamentos. Os cidadãos casados representam apenas uma parcela desses relacionamentos.

Inicialmente, era minha intenção abordar o tema dos namoros virtuais. Esse tema reveste-se de grande sensibilidade para a assistência a brasileiros no exterior uma vez que nem sempre essas histórias têm final feliz, especialmente quando, como no caso da Turquia, o país é muçulmano. Não é incomum que gerem problemas que vão desde a incompatibilidade cultural a casos mais sérios envolvendo violência doméstica. Infelizmente, porém, das 23 pessoas que responderam ao questionário, apenas 3 conheceram o marido nas redes sociais. Em razão dessa baixa representividade, não será possível aprofundar-me muito no tema

As informações foram, essencialmente, obtidas por meio de questionário respondido por brasileiros que têm ou tiveram relacionamento com turcos.

Finalmente, cumpre frisar que o tema deste trabalho é especialmente afeto às mulheres, uma vez que, em sua grande maioria, os referidos relacionamentos são entre mulheres brasileiras e homens turcos.

“Palavras chave”: Assistência consular. Relacionamentos afetivos. Relacionamentos virtuais. Casamento. Divórcio. Diferenças culturais.

<b>SUMÁRIO</b>	<b>PÁGINA</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>9</b>
<b>3 ANÁLISE DE RESULTADOS.....</b>	<b>9</b>
<b>4 A SOGRA TURCA .....</b>	<b>16</b>
<b>5 CONCLUSÕES.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>
ANEXO 1 – Questionário .....	35
ANEXO 2 – Matéria na Imprensa Turca sobre União Estável.....	39
ANEXO 3 – Quadro de respostas.....	40

## **1 INTRODUÇÃO**

A crescente mobilidade internacional gerada pelo fenômeno da globalização e as facilidades proporcionadas pela comunicação virtual aumentaram significativamente o número de relacionamentos entre cidadãos brasileiros e turcos. Desde a instalação do sistema consular integrado (SCI) no Consulado-Geral do Brasil em Istambul, em 2011, foram registrados 51 casamentos: 7 em 2011, 14 em 2012, 12 em 2013, 9 em 2014. Em 2015, até o dia 15 do mês de julho, 9 casamentos tinham sido registrados.

No setor consular da Embaixada do Brasil em Ancara, foram registrados 34 casamentos: 7 em 2011, 10 em 2012, 7 em 2013, 7 em 2014. Em 2015, até o dia 1º do mês de junho, 3 casamentos tinham sido registrados.

O Consulado-Geral do Brasil em Istambul emitiu 58 declarações de estado civil: 8 em 2011, 16 em 2012, 12 em 2013, 14 em 2014 e 8 até 15/07/2015. Esse documento é frequentemente solicitado pelos cartórios turcos no processo de habilitação para casamento.

Os casados, porém, constituem apenas parcela, ainda que aparentemente majoritária, dos brasileiros que se relacionam ou já se relacionaram afetivamente com turcos. Há aqueles que terminaram a relação, alguns dos quais permaneceram na Turquia, outros voltaram para o Brasil. Há, também, brasileiros que vieram para a Turquia por outras razões, razões de trabalho, por exemplo, que acabaram conhecendo o(a) atual namorado(a) ou noivo(a), mas que ainda não se casaram. Finalmente, há os que estão se relacionando virtualmente.

Na rede social "facebook", por exemplo, há um grupo chamado "brasileiros residentes na Turquia" que conta com 155 membros.

Há que se pontuar que o tema deste trabalho é especialmente afeto às mulheres uma vez que, em sua grande maioria, são mulheres brasileiras que têm ou tiveram relacionamento com homens turcos. A situação inversa, homens brasileiros que se relacionam ou já se relacionaram com mulheres turcas são bem mais raros. A título de exemplo, dos 23 respondentes do questionário, apenas 1 é do sexo masculino. Dos 51 registros de casamento feitos pelo Consulado-Geral do Brasil em Istambul, apenas 3 foram de homens brasileiros que se casaram com mulheres turcas. Essa realidade também é claramente perceptível no atendimento consular. Quase sempre, são mulheres que vêm ao Consulado, ou que entram em contato por telefone ou e-mail, para saber informações sobre casamento na Turquia. Igualmente, as mulheres são maioria dos que solicitam ao Consulado declaração de estado



civil. Somente 4 das 58 declarações emitidas até o momento foram para homens. Finalmente, os requerentes de legalização de documentos turcos a serem usados no Brasil para casamento são, em sua maioria, homens turcos que vão se casar com mulheres brasileiras no Brasil.

## **2 METODOLOGIA**

As informações foram obtidas por meio de questionário de 23 perguntas (vide anexo). O questionário foi repassado a mais de 100 pessoas cadastradas nos contatos do e-mail do Consulado-Geral em Istambul, e, também, foi disponibilizado no grupo "brasileiros residentes na Turquia" do "facebook".

As perguntas de 1 a 16 são objetivas e as de 17 a 23 subjetivas ainda que passíveis de quantificação.

## **3 ANÁLISE DE RESULTADOS**

Como já referido anteriormente, 23 pessoas responderam ao questionário.

Discorrerei neste capítulo sobre as respostas às perguntas do questionário.

A primeira pergunta é a IDADE do respondente. Utilizou-se a pirâmide etária do IBGE, que teve por base o censo de 2010 (<http://vamoscontar.ibge.gov.br/atividades/ensino-fundamental-6-ao-9/49-piramide-etaria>). Os resultados foram os seguintes: 6 não responderam, 4 têm entre 25 e 29 anos, 5 têm entre 30 e 34, 2 têm entre 35 e 39, 2 têm entre 40 e 44, 3 têm entre 45 e 49 e 1 tem entre 60 e 64. A maioria, portanto, está na faixa etária dos 30 (7 respondentes), seguida de perto pelos que estão na faixa dos 40 (5 respondentes).

A segunda pergunta é o sexo do respondente. Como já mencionado em outros capítulos deste trabalho, 22 mulheres responderam ao questionário. Em contrapartida, somente 1 homem participou da pesquisa. Dessa maneira, quase nada se poderá abstrair sobre a realidade dos relacionamentos de homens brasileiros com mulheres turcas.

A terceira pergunta é o estado civil do respondente. Além dos estados civis comumente referidos (solteiro, casado, divorciado e viúvo), foi acrescentada mais uma categoria: intitulada "vivendo na mesma casa em união estável". Os resultados são os seguintes: 2 respondentes são solteiros, 20 são casados e 1 é divorciado. Uma das solteiras, terminou o relacionamento, a outra continua relacionando-se. No questionário desta última, não há alusão clara a que tipo de relacionamento mantém, se namoro ou noivado. Mas, uma vez que não escolheu a opção "vivendo na mesma casa em união estável", é de se supor que

namore ou esteja noiva. Referiu mais adiante, no questionário, que conheceu seu par turco pessoalmente. Informa, também, que já veio a Turquia 4 vezes durante as férias, tendo aqui ficado, em média, 20 dias de cada vez. A respondente divorciada está entre as 3 que terminaram o relacionamento. No momento, porém, não está se relacionando com outro turco. Uma das brasileiras que terminou o relacionamento, continua casada, mas já não mora mais com o marido.

A quarta pergunta é o grau de instrução do respondente. A intenção ao se incluir essa pergunta é saber se pessoas com maior nível de escolaridade tendem a ter relacionamentos mais "bem-sucedidos" com turcos ou, se, ao contrário, o nível de escolaridade seria inversamente proporcional à taxa de "sucesso" em relacionamentos com turcos. À exceção de uma única pessoa que não respondeu à questão, todas as demais tiveram acesso ao nível superior, a maioria, 19, completou a universidade e 3 não chegaram a concluir o curso superior. Das 3 pessoas que terminaram o relacionamento, 1 não concluiu o curso superior e 2 terminaram a universidade.

A quinta pergunta é a seguinte:: **"SE MORAVA COM A FAMÍLIA (NO BRASIL), EM QUAL DAS FAIXAS SALARIAIS ESPECIFICADAS ABAIXO SUA FAMÍLIA SE ENCAIXAVA?"** As faixas salariais utilizadas foram obtidas no site da Fundação Getúlio Vargas - FGV (<http://cps.fgv.br/node/3999>). Uma pessoa respondeu que sua família encontrava-se na faixa salarial entre R\$0,00 e R\$1.085,00 (CLASSE E), outra, marcou a opção " de R\$1.085,00 a R\$1.734,00" (CLASSE D), 5 marcaram "de R\$1.734 a R\$7.475,00" (CLASSE C), 4 marcaram " de R\$7.475,00 a R\$9.745,00" (CLASSE B) e 9 marcaram a opção "acima de R\$9.745,00 (CLASSE A)". Chama atenção o fato de a maioria (13 pessoas) terem vindo de famílias de classe A ou B e que a classe A seja a mais representativa numericamente. Uma pessoa não respondeu a esta questão.

A sexta pergunta é a seguinte: " **SE MORAVA SOZINHO(A) (NO BRASIL), EM QUAL DAS FAIXAS SALARIAIS ESPECIFICADAS ABAIXO VOCÊ SE ENCAIXAVA?"**. Também, neste caso, as faixas salariais utilizadas foram obtidas no site da Fundação Getúlio Vargas - FGV. Somente 2 pessoas moravam sozinhas no Brasil. Ambas estavam na faixa salarial de R\$1.734 a R\$7.475,00 (CLASSE C).

A sétima pergunta é a seguinte: " **COMO CONHECEU SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) TURCO(A) ?"**. O objetivo da pergunta é saber se pessoas que se conheceram pessoalmente têm mais chances de

ter "sucesso" no relacionamento do que aqueles que se conheceram pelas redes sociais. Vinte respondentes declararam ter conhecido seu par turco pessoalmente e 3 pelas redes sociais. Do resultado obtido, pode-se deduzir que casais que se conheceram pessoalmente têm mais probabilidade serem "bem-sucedidos" no relacionamento. Isso, porém, não implica dizer que casais que se conheceram pelas redes sociais tendem, necessariamente, a fracassar no relacionamento. Pelo menos, não com base nos resultados do questionário utilizado nesta monografia, já que as 3 respondentes que conheceram seu par romântico pelas redes sociais continuam o relacionamento e as 3 que já terminaram o relacionamento conheceram seu par turco pessoalmente.

A oitava pergunta é " **AINDA CONTINUAM JUNTOS?**". Vinte responderam que sim e 3 responderam "não" a esta questão. Isso representa uma taxa de "sucesso" de quase 87%.<sup>7</sup>

A nona pergunta, que está diretamente ligada à oitava, é " **SE NÃO (ESTÃO MAIS JUNTOS), ESTÁ OU PRETENDE SE RELACIONAR COM OUTRO(A) TURCO(A) ?** A finalidade era saber se o fato de o relacionamento com a pessoa turca ter terminado desencorajaria o(a) brasileira e tentar uma nova empreitada amorosa com outro turco. Das 3 que se encontram nessa situação, 2 responderam que sim e 1 respondeu que não. Portanto, nesse universo limitado de 3 pessoas, o fim do relacionamento não parece ter afetado a disposição para se relacionar com turcos.

A décima pergunta é " **EM QUE LÍNGUA SE COMUNICAVAM QUANDO SE CONHECERAM?**". O propósito era saber se os casais que se comunicavam numa língua comum tinham mais probabilidade de ser "bem-sucedidos" no relacionamento do que aqueles que se utilizaram de ferramentas de tradução da internet, como, por exemplo, o google translate. Essa pergunta também remete à questão dos relacionamentos virtuais já que, aparentemente, com a existência dessas ferramentas de tradução da internet, o fato de não haver língua comum não é necessariamente um freio ou obstáculo para quem busca se relacionar virtualmente. Dezenove respondentes informaram que se comunicavam em inglês, 2 em turco, 1 em alemão e 1 única fez uso das ferramentas de tradução da internet. Esta última, veio de família de classe C, tem nível superior completo, já tinha vindo à Turquia (ver a pergunta 12, adiante) 1 vez, por 22 dias, antes de vir morar aqui, e continua casada. Pode-se depreender do resultado que, falar uma língua comum e, portanto, poder se comunicar

diretamente, sem entraves linguísticos, ajuda os casais a se conhecerem melhor e, portanto, aumenta a probabilidade de que o relacionamento seja "bem-sucedido".

A décima-primeira pergunta é "**JÁ TINHA SAÍDO DO BRASIL ANTES DE VIR MORAR NA TURQUIA?**". Partiu-se do pressuposto geral de que a exposição a culturas diferentes, ainda que em viagem de turismo, pode propiciar abertura para o novo e, assim, facilitar o relacionamento afetivo de brasileiros com estrangeiros. Parece ser o caso. Este parece ser o caso dos pesquisados. Dezenove já tinham saído do Brasil contra 4 que não. Observe-se que uma das respondentes que acabou o relacionamento nunca tinha saído do Brasil antes de vir morar na Turquia.

A décima-segunda pergunta "**JÁ TINHA VINDO À TURQUIA ANTES DE VIR MORAR AQUI? SE SIM, QUANTAS VEZES E POR QUANTO TEMPO?**" é, em parte, a continuação natural da anterior pois parte de pressuposto afim, ou seja, de que vinda(s) prévia(s) à Turquia promoveria(m) exposição mais direta à cultura turca e, portanto, poderia(m) facilitar o relacionamento afetivo de brasileiros e turcos. Catorze dos 23 respondentes já tinham vindo à Turquia antes de se estabelecerem definitivamente no país, dos quais 4 vieram uma única vez, 2 deles por menos de 1 mês, e 2 por mais de 1 mês, e 10 tinham vindo mais de uma vez ao país, dos quais 4 por menos de 1 mês (em cada vinda), e 6 por mais de 1 mês (em cada vinda). Nove nunca tinham vindo à Turquia. Duas dessas nove estão no grupo das que terminaram o relacionamento. Com base no resultado, pode-se concluir que, a maioria dos casais turco-brasileiros pesquisados que já conheciam a Turquia antes de aqui se estabelecerem permanecem casados.

A décima-terceira pergunta "**QUAL ERA SEU GRAU DE CONHECIMENTO SOBRE A TURQUIA ANTES DE VIR MORAR AQUI?**" dá continuidade ao pressuposto da pergunta 12, ou seja, quanto maior o conhecimento dos brasileiros sobre a Turquia, mais fácil poderá vir a ser o relacionamento com um turco. Nove responderam que o grau de conhecimento era baixo, 12 disseram que era médio, e 2 disseram que era alto. Ninguém respondeu não conhecer nada (ou quase nada) sobre a Turquia, mesmo aquelas que já terminaram o relacionamento.

A décima-quarta pergunta é a seguinte: **TRABALHA FORA AQUI NA TURQUIA? SE NÃO, POR QUE NÃO TRABALHA?** Esta pergunta está intimamente ligada à décima-quinta pergunta "**TRABALHAVA FORA NO BRASIL? SE NÃO, POR QUE NÃO TRABALHAVA?**" pois ambas têm por finalidade verificar o grau de

independência da parte brasileira, no caso, quase que completamente constituída de mulheres, em relação a seu par turco. Visam, também, tentar perceber se houve imposição da parte do marido para que não trabalhassem. Os resultados são os seguintes: 18 trabalham na Turquia, das quais 16 trabalham fora (entenda-se, neste caso, fora de casa) e 1 tem seu próprio negócio e 1 trabalha em casa como "freelancer". Das 5 que não trabalham, 2 disseram não trabalhar porque tiveram filhos, uma porque não adquiriu a nacionalidade turca ainda, e outra porque ainda não conseguiu emprego. Nenhuma alegou não trabalhar por imposição do marido. Das 23 respondentes, 22 trabalhavam no Brasil, uma das quais como "freelancer" e apenas uma disse não trabalhar no Brasil porque estudava.

A décima-sexta pergunta " **COM QUEM MORA NA TURQUIA?**" teve os seguintes resultados: 1 pessoa mora só, outra mora com amigos, outra mora com o marido e a família dele e a grande maioria, 19, mora com o marido (e, eventualmente, filhos). Uma das respondentes já não mora mais na Turquia. Aqui, começa-se a investigar o papel da família turca, em especial, o papel da sogra turca, no "sucesso" ou "fracasso" do relacionamento. Esse ponto é essencial para que se possa entender a dinâmica dos relacionamentos entre brasileiros e turcos. Este assunto é constantemente abordado em conversas informais, "chats" e "vlogs" voltados para essa temática. Como será visto mais à frente, até mesmo muitos dos que mantêm seus relacionamentos com turcos, ressentem-se do que se poderia chamar de "intrusão" da família do marido ou mulher.

A décima-sétima pergunta " **DE 0 A 10, COMO ESTÁ SUA ADAPTAÇÃO À VIDA NA TURQUIA?**" revelou os seguintes resultados: 2 classificaram sua adaptação à Turquia com notas entre 4 e 6, 19, com notas entre 7 e 9, e uma, com a nota 10. Uma pessoa não respondeu à questão. A partir de aqui, começam as questões subjetivas.

A décima-oitava pergunta é a seguinte: " **NA SUA OPINIÃO, QUAIS CARACTERÍSTICAS DEFINEM OS TURCOS DE MANEIRA GERAL?**" Esta pergunta, bem como, as perguntas 20, 21 e 23, não foram direcionadas. A ideia era que as pessoas externassem espontaneamente suas percepções e que mencionassem quantas características quisessem. O grupo de características mais citado tem a ver com a forma com que os turcos recebem as pessoas. Catorze respondentes referiram-se aos turcos com adjetivos sinônimos ou de significado próximo, tais como, acolhedores, amáveis, amigáveis, calorosos, hospitaleiros ou receptivos. Em seguida, com 9 respostas, vem o "apego e cuidado dos turcos com suas famílias e amigos". Empatados, com 6 menções, cada, vêm

"conservadores/tradicionais" e "religiosos/tementes a Deus". Depois, com 5 menções, "patriotas", seguido de "preocupados com a própria imagem e a imagem da família perante a sociedade e preocupados com a opinião da família e das pessoas em geral", com 4 referências. "Prestativos", "trabalhadores", "curiosos" e "pavil curto/briguentos/sangue quente" empataram com 3 referências, cada. "Arcaicos/caipiras", "machistas", "sociáveis" e "teimosos", ganharam, cada, 2 menções. Finalmente, com 1 menção, cada, as seguintes características: "amorosos", "arrogantes/prepotentes", "caprichosos", "cerimoniosos", "ciumentos/possessivos", "difíceis de trabalhar com", "dramáticos", "educados", "fiéis", "grosseiros", "hierárquicos", "improvisam muito", "inseguros", "intolerantes no trânsito", "intrusivos", "persistentes", "protetores", "respeitosos com os mais velhos", "sedutores", "supersticiosos" e "de temperamento forte". Se o grupo de atributos campeão de votos (acolhedores, amáveis, amigáveis, calorosos, hospitaleiros ou receptivos) é, inegavelmente, visto de maneira positiva, o apego e cuidado dos turcos com suas famílias e amigos é visto, ao mesmo tempo, como positivo e negativo. Aqui, novamente, deparamo-nos com a influência da família turca, para bem ou para mal, no relacionamento.

A décima-nona pergunta " **COM BASE NO QUE ESCREVEU NA QUESTÃO ANTERIOR, CONSIDERA SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) UM(A) TURCO(A) TÍPICO(A) ?** está, como deixa clara o enunciado, intrinsecamente ligada à anterior. Um turco típico, portanto, tenderá a ser acolhedor, ligado à família, conservador e religioso. Onze pessoas responderam "sim", 4 responderam "mais ou menos", 7 responderam "não" e uma respondeu "sim", mas esse sim baseou-se apenas em uma característica mencionada.

As respostas à vigésima pergunta " **QUE TRAÇOS DA CULTURA TURCA SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) TURCO(A) TEM QUE MAIS INTERFEREM OU INTERFERIRAM POSITIVAMENTE EM SEU RELACIONAMENTO?**" foram as seguintes: 13 menções ao "apego e cuidado dos turcos com suas famílias e amigos", seguidas, de longe, por 2 menções, cada, a "fidelidade/lealdade", "hospitalidade" e "respeito" e uma menção às seguintes características: "amabilidade", "bom coração", "carinho", "cavalheirismo", "compromisso e seriedade no relacionamento", "companheirismo", "crença em Deus", "cultura/educação", "persistência" e "proteção". Três pessoas não responderam a esta questão.

A vigésima-primeira pergunta é a contrapartida da vigésima: **"QUE TRAÇOS DA CULTURA TURCA SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) TURCO(A) TEM QUE MAIS INTERFEREM OU INTERFERIRAM NEGATIVAMENTE EM SEU RELACIONAMENTO?"** Em primeiro lugar, com 10 menções, vem "apego e interferência familiar excessivos", em seguida, com 4 menções, vem "preocupação excessiva com a opinião alheia e em agradar os outros", depois, com 3 menções, vem "ciúme", e, por fim, com uma menção, cada, vêm "divisão das tarefas de casa", "grosseria", "impontualidade", "tabagismo" e "teimosia". Duas pessoas disseram que seus pares turcos não tinham nenhuma característica que interferisse negativamente no relacionamento.

A vigésima-segunda pergunta é: **"A FAMÍLIA DELE(A) INTEREFERE NA RELAÇÃO? SE SIM, DÊ EXEMPLOS? AVALIA ESSA INTERFERÊNCIA MAIS COMO POSITIVA OU NEGATIVA?"** Três pessoas, responderam que sim, a família interfere, e dão a entender que, às vezes, essa interferência é positiva, às vezes, é negativa. Caso ilustrativo dessa avaliação é, por exemplo, o seguinte comentário: "no meu caso, eu não me importo. Acho engraçado porque, do mesmo jeito que interfere em tudo, acabam ajudando também. Sempre me acolheram de braços abertos". Seis disseram que a família turca interfere e que vêem essa interferência como negativa. Uma pessoa disse que já interferiram, mas que agora não interferem mais. A maioria, 13 pessoas, disse que a família do par turco não interfere no relacionamento. Três dentre essas 13 pessoas disseram que a família não interfere porque o marido não permite. Por outro lado, alguns queixam-se do fato de que seus cônjuges não quererem confrontar os pais. Veja-se o seguinte comentário: "quando os pais dele vêm a nossa casa, por mais que procurem ser agradáveis comigo, não respeitam o meu espaço ou o meu jeito de organizar minha casa e me tiram o sentimento de ser dona da casa, ao passo que meu marido, não só não se posiciona, como se irrita comigo". Não por acaso, a pessoa que fez esse comentário mencionou como característica turca na pergunta 17 a preocupação demasiada com a opinião alheia, e, na pergunta 20, referiu-se à extrema preocupação com a família como algo negativo.

Depois de analisar as questões 20, 21 e 22, fica notória a percepção ambivalente dos brasileiros em relação ao papel da família turca no relacionamento. Treze pessoas avaliaram o apego e cuidado que os turcos têm por suas famílias como positivo, mas, ao mesmo tempo, 10 parecem achar que essa característica é, por vezes, exagerada e acaba por

interferir negativamente no relacionamento. O comentário à questão 21, a seguir, é bastante ilustrativo da situação: "Parece contraditório, mas, como respondi na pergunta anterior, esse carinho e respeito pela família (que eu acho bacana), também cansa um pouco. Ele (o marido) se impõe bastante e não é tão ligado ou submisso às vontades da mãe e etc. Mas, ainda assim, vejo que às vezes existe uma preocupação do que os outros vão falar, ou como a mãe vai explicar tal atitude para a família. Ele não deixa de fazer e, por isso, não atrapalha a nossa relação, mas eu consigo perceber essa preocupação (ao meu ver) desnecessária."

Os resultados da última questão " **QUE COISAS FAZIA NO BRASIL E QUE NÃO FAZ MAIS NA TURQUIA POR CAUSA DAS DIFERENÇAS CULTURAIS?**" são os seguintes: disparado na frente, com 10 menções, vem a forma de se vestir, que no Brasil era mais descontraída, e aqui ficou mais conservadora, evitando-se, por exemplo, decotes excessivos. Essa mudança de comportamento era de se esperar pelo fato de a Turquia, sendo um país muçulmano, ter cultura mais conservadora. Três pessoas disseram que, no Brasil, saíam para beber e dançar com amigos. Houve duas menções ao costume turco de não se entrar em casa de sapato e outras duas à manifestação pública de afeto e à vida social mais ativa que tinham no Brasil. Finalmente, foram mencionadas, uma vez, as seguintes coisas: "era mais espontâneo(a)", "dirigia sozinho(a) para lugares distantes", "convidava os colegas de trabalho para ir minha casa", "pintar as unhas", "sair de cabelo molhado", "gargalhar em público", "cumprimentar homens com beijo", "olhar para homens na rua", "era mais simpático(a) com estranhos", "ir à academia" e "ir ao teatro".

#### **4 A SOGRA TURCA**

A figura da sogra parece fazer parte do anedotário geral. A edição 213 da revista "Super Interessante", de maio de 2005, traz pequeno artigo de autoria de Guilherme Mota intitulado "Por que as sogras têm má fama?". Nele, afirma-se que as sogras já causavam polêmica mesmo séculos antes de Cristo. e ilustra-se o tema com o caso de Afrodite, a deusa do amor, que já teria feito as vezes de sogra má. Enciumada com o amor do filho Éros pela belíssima mortal Psiqué, a deusa faz de tudo para manter os dois separados e, literalmente, mandar a nora para os infernos. Nessa matéria, a antropóloga Eliana Amábile Dancini, da Universidade Estadual Paulista, comenta que o mito é cultural e que se trata de "um desdobramento das questões de gênero", resultado da estrutura patriarcal da família, na qual o homem está no topo da hierarquia e a mulher serve só para as tarefas domésticas. "Quando a



mulher é a sogra, já não tem funções e fica estereotipada como alguém que não tem nada pra fazer a não ser incomodar”.

Fazendo-se busca na internet usando como referência a palavra "sogra turca" em idiomas como inglês ou francês, pode-se constatar que o "problema" da sogra turca não é exclusivo de alguns brasileiro(a)s. Antes de acessar informações compartilhadas por brasileiro(a)s em "blogs", fóruns e páginas da internet, vejamos o caso de uma senhora americana que escreve sobre sua experiência, há mais de 40 anos atrás, em blog chamado “I’m living where??? From Vegas to Turkey. Living with my Turkish mother in law”.

“Estou na Turquia há 3 anos e, desde que nos mudamos para cá, minha sogra mora conosco. Logo que cheguei aqui, mudamo-nos para a casa de minha sogra. Meu filho mais velho tinha 4 meses de idade. No começo, eu não falava nada de turco e ninguém falava inglês. Como pode imaginar, a situação era sufocante. Um dia depois que cheguei, meu marido acordou-se para ir trabalhar e disse: bem, agora vão ficar somente você e minha mãe. Boa sorte! Fiquei aterrorizada. Para começar, minha sogra não é uma pessoa calorosa. Ela fala alto, frita mais alto ainda e caminha com uma cara que assustaria até as pessoas mais rudes. Ela começou por tomar para si o controle de tudo que se relacionava com meu filho. Ela empurrava comida na boca dele, sempre que eu o vestia, ela vinha e trocava a roupa dele 10 minutos depois. Certo dia, cheguei em casa e ela tinha tirado todas as roupas de meu filho de meu guarda-roupa e colocado no quarto dela. Na hora de lavar a roupa, ela lavava e dobrava as roupas de todo mundo, menos as minhas. Cheguei até a tirar uma foto para mostrar a meu marido de minhas roupas todas jogadas no chão. Um dia, 2 semanas depois de estar lá, meu filho ficou doente. Fiquei muito chateada porque era difícil para mim entender o que os médicos diziam e saber que remédios estavam prescrevendo para meu filho. Meu marido me deixou em casa. Quando bati à porta, ela abriu com uma cara bem antipática. Por isso, só disse “oi” e entrei direto para colocar meu filho para tirar uma soneca. Tirei meu casaco e comecei a ouvi-la gritar e andar pela casa como uma pessoa louca. Ela andava muito rápido e gritava “köpek” que quer dizer “cachorro”. Continuou a vociferar mesmo depois de ligar o aspirador de pó. Nesse ponto, liguei para meu marido e disse-lhe que queria ir-me embora dali. Não queria ficar nem mais um minuto. Ele e a irmã dele chegaram e ela (a sogra) gritava com eles na cozinha. Senti-me muito mal. Eu estava amedrontada e abalada. As coisas foram piorando, mas, por alguma razão, sentei-me e fiquei assistindo tudo acontecer, mas, por dentro, estava tremendo por dentro. Lembre-se de que eu me mudei para uma cidade pequena,

muito conservadora, há mais ou menos 40 anos atrás. Cada família é diferente mas a maioria das famílias aqui, quando o filho cresce e a mãe é sozinha, eles (os filhos) acabam ficando com a mãe. Espera-se que a noiva “gelin” assuma a limpeza da casa, a cozinha e tudo o mais que diga respeito às tarefas de casa. Não haveria problemas quanto a isso, não fosse o fato de que tenho uma sogra que nunca está feliz com qualquer coisa que eu faça, que, ainda por cima, tem Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) e que é obcecada por controlar tudo. Se eu não cortasse a fruta do jeito que ela cortava, ela fazia questão de me dizer que eu estava fazendo aquilo do jeito errado e que eu tinha que fazer de tal jeito. Se eu colocasse qualquer coisa na cômoda de meu quarto, ela me dizia para não o fazer e colocava o objeto em outro lugar. Fiquei 6 meses.

Apreendi a língua rapidamente e, quanto mais começava a entender, menos queria entender. Comecei a perceber que minha sogra era a “Presidente” da fofoca. Comecei, também, a perceber nela um padrão (de comportamento) estranho. Todo dia, havia algo de errado com ela. A cabeça doía ou tinha algum problema nos braços que não a deixavam fazer nada. Ela tinha 55 anos quando cheguei aqui e, para mim, ela não estava tão velha assim. Uma hora antes de meu marido chegar em casa, ela piorava e deitava-se no sofá lamentando-se. Não conseguia entender isso. Eu a via para cima e para baixo no prédio, indo a casa de outras pessoas para beber chá ou fofocar, mas, quando anoitecia, parecia que ela estava em seu leito de morte. Ela falava tão mal das pessoas e, aí, quando essas pessoas vinham visitá-la, ela sorria e era bem simpática com elas. Ela fala da vida de todo o mundo. Ela sempre tem um comentário grosseiro para tudo!

Voltei aos Estados Unidos depois de morar 6 meses aqui (na Turquia). Meu marido tinha acabado de comprar uma casa nova, um duplex, e disse que estaria pronta para morar assim que eu voltasse. Fiquei com minha família 5 meses e voltei para o que considerava uma vida normal. Pelo menos, eu achava que, ao voltar, tendo meu próprio espaço e minhas coisas, as coisas melhorariam. ESTAVA ERRADA NOVAMENTE.

Infelizmente, a parte 2 da história acima relatada não foi encontrada na internet. Não é difícil, porém, especular sobre o provável desfecho negativo da história, principalmente, se se levar em consideração as alegadas características pessoais indesejáveis (negativismo em geral, malidicência, inclinação para a fofoca) dessa sogra. Ao contrário do que aconteceu no caso das duas brasileiras cujas histórias são relatadas abaixo, em que, apesar das dificuldades iniciais, o final foi feliz, acho pouco provável que tenha havido conciliação,

ou reconciliação, da sogra turca com a nora americana. Apesar dos desfechos diferentes, as 3 histórias retratam sogras culturalmente propensas , em maior ou menor grau, a interferir nos relacionamentos de seus filhos.

Vejamos, agora, o que diz uma brasileira casada com turco, convertida ao Islã desde 2014, residente em São Bernardo do Campo, SP, em sua página da internet intitulada "Amor do lado de lá: antes à distância, agora juntos. Amor Brasil-Turquia":

"Hoje eu venho falar da tão temida sogra turca, ou" kaynana". Pra princípio de conversa, as sogras não são a pessoa preferida da família de muitas pessoas, sejam turcas ou não. O que acontece por esses lados, é que os turcos tem muito apreço por suas mães. Não tratam mal, não desobedecem, não contrariam, não abandonam, MESMO DEPOIS DE CRESCIDOS E ATÉ MESMO CASADOS".

Isso não acontece apenas pelo fato de Deus orientar respeito e assistência aos pais, no alcorão, mas sim por uma questão cultural, mesmo. Por que eu digo isso? Porque conheço casos onde o marido não segue a religião, mas ainda assim coloca a mãe como prioridade acima de tudo, até de si mesmo e da esposa. (Não é meu caso, graças a Deus)

Sabendo disso, e por que não dizer "se aproveitando disso", as sogras tocam o terror nas noras no início dos casamentos. Elas são bem invasivas, entronas, mesmo, gostam de saber tudo o que acontece dentro da casa do filho, e adoram inspecionar pra ver se tudo está sendo feito direito. Chato, né? Elas também adoram dar palpite, na disposição dos móveis, no cardápio, tudo, tudo. E muitas vezes elas vêm acompanhadas por cunhadas ciumentas pra reforçar.

As esposas estrangeiras sofrem mais, porque além do incômodo por toda essa intromissão, tem o choque cultural, porque leva um tempo pra se adaptar à tudo, aqui.

Até mesmo pra aprender a preparar esses pratos diferentes, que muitas vezes elas exigem que a esposa faça. Aí vem a crítica com as roupas, com a demora pra aprender a falar turco...

Os maridos? Eles compreendem o inferno que as esposas vivem. Mas não tem coragem de enfrentar as mães. Eles até conversam às vezes com as mães, mas nada definitivo, que resolva.

A questão da religião também assusta um pouco as esposas estrangeiras. Eu me converti ao Islã, e, o início do meu casamento foi difícil. Meus sogros não entendiam que eu precisava de tempo, liberdade e paciência pra aprender o islam. Queriam enfiar tudo goela

abaixo. Eu também não gostava que eles mudavam meus móveis de lugar, decidiam nossos passeios.

Mas hoje eu entendo que isso funciona como um teste. Isso mesmo, um teste. O resultado depende de como você reage às dificuldades do começo. Hoje, meu relacionamento com a sogra é maravilhoso. Aliás, não as chamamos de sogras, mas sim de mães.

Ela é uma verdadeira mãe pra mim. me trata com doçura, fala de mim pra todas as pessoas, me dá carinho, se preocupa comigo, cuidou de mim na minha gravidez, gosta de tudo que eu faço, pede até receitas dos meus bolos.. Além disso, quando tivemos um sério problema financeiro, foram eles que se esforçaram pra nos ajudar. Hoje tudo está bem. Tenho prazer quando estou reunida com eles. Eu sugiro às aspirantes a novas esposas, que perguntem ao seu turco sobre como é a família dele. O que eles pensam sobre a união de vocês. Porque se eles gostam, beleza...mas se forem contra...sai de baixo, viu?

Se você não tem interesse pelo Islã, não entre para uma família muçulmana tradicional (tem uns meio liberais, também). Vocês não vão se entender. Isso não tem a ver apenas com cobrir a cabeça, eu não uso véu, e sou a única da família que não usa. Apesar disso ninguém me trata diferente, mas, o ponto é, que você não pode esperar que eles aceitem o que você tem de diferente, se você criticar as diferenças deles.

Se você não abre mão do biquini na praia, da carne de porco, do vestido decotado, da maquiagem pesada, da liberdade de andar sozinha, das baladas...não entre para uma família muçulmana. Certos ou errados? Fanáticos, loucos, exigentes, seja o que for, não cabe julgamentos. Apenas, não entre para essa família.

Eu não faço questão de nada do que o Islã proíbe, não me sinto oprimida, não me sinto humilhada por ser obediente, amorosa e fiel ao meu marido, essa foi a minha opção.

Quem pensa diferente, deve repensar se esse relacionamento pode dar certo, ou virar uma guerra, que mais cedo ou mais tarde, vai acabar dando em divórcio."

Agora, vejamos o que diz uma outra brasileira, casada com turco, não-covertida, residente em Istambul, no artigo que escreveu no blog "Brasileiras pelo Mundo. O Ponto de Encontro Virtual. Turquia - Mãe turca, uma matriarca incansável":

"Em comemoração ao mês da mulher, eu falarei um pouco da mãe turca. Quem tem namorado/marido turco e já conviveu com a sogra sabe muito bem que a fama das mães turcas é um traço cultural bem característico da Turquia.

E como eu disse no título, elas são matriarcas e incansáveis!

A mãe turca é geralmente educada para:

- Servir os filhos de forma incondicional e a qualquer momento e idade. Elas cuidam da casa, cozinham, dão TUDO na mão dos filhos (chá, água, comida, etc.) e raramente educam os herdeiros para ajudar nos serviços domésticos. Essa tarefa geralmente, é obrigação apenas das filhas.

- Interferir na vida amorosa dos filhos e dependendo do caso, até escolher a esposa/marido para eles. Quanto mais tradicional e religiosa a família for, menos autonomia os filhos terão na hora de casar.

- Cuidar dos netos em tempo integral e por prazo indeterminado (é comum a sogra se mudar para a casa do filho/filha depois que o bebê nasce). Esse costume é motivo de desespero para muitas noras, principalmente estrangeiras. Eu tenho amigas que passaram por isso e a experiência não foi nada agradável.

- Tratar o genro/nora como um novo filho/filha. Aqui é comum a nora chamar a sogra de "mãe" (anne) como demonstração de afeto. É claro que muitas das vezes essa relação entre nora e sogra é conturbadíssima, mas quando há entendimento, a esposa realmente ganha uma segunda mãe (o que é o meu caso). Eu procuro não abusar, mas se eu ligar para minha sogra e pedir para ela cozinhar para mim, ela vem toda feliz da vida e faz tudo o que eu pedir. Quando peço a ajuda dela, vejo o quanto ela se sente importante. Quando fico doente, ela cuida de mim, quando viajei para o Brasil, ela cuidou do meu apartamento e ainda fez comidas e doces para o nosso retorno! Definitivamente, não há a sensação de estar sendo feita de empregada.

Agora, como tudo tem o seu lado ruim, vamos falar dos efeitos colaterais dessa mãe extremamente zelosa e presente.

- Relação pegajosa com os filhos - Isso pode gerar inúmeras visitas por semana o desejo de que o filho e a nora morem no mesmo bairro e se possível até no mesmo prédio que ela.

- Invasão de privacidade e excesso de palpites na vida do casal - é muito comum a sogra turca querer opinar nos preparativos do casamento, na mobília da casa, na disposição dos móveis, etc. Se o casal não for firme (principalmente o filho/a filha da sogra), a vida dos dois vira um verdadeiro inferno!

- Tentativa de mudar o comportamento da nora - Isso acontece mais quando a mulher é estrangeira e, portanto, não conhece a cultura. Na ânsia de ensinar os pormenores

dos costumes turcos, muitas sogras desrespeitam a "estrangeirice" de suas noras e fazem de tudo para "enturcá-las".

- E como driblar todo esse vigor da sogra turca? A melhor forma é tê-la como aliada e não inimiga. Afinal, em um país onde a importância da família é tão grande e os filhos costumam acatar sem pestanejar a vontade dos pais, não é nada inteligente comprar briga justamente com a mãe do seu amado. Isso porque os turcos raramente se casam sem o consentimento dos pais, então os riscos de você ficar a ver navios são ENORMES!

Então, vamos às principais táticas usadas por mim e algumas amigas minhas!

- Se mostre interessada pela cultura turca. Você não precisa se transformar em outra pessoa, mas respeito e dedicação são imprescindíveis na hora de conquistar uma família turca. Você será vista com outros olhos se demonstrar o desejo de aprender o idioma e o estilo de vida deles.

- Aprenda pratos turcos e a arte de servir como as turcas. Ainda que você não siga esses costumes no dia a dia depois de casada, (eu, por exemplo, ensinei meu marido a me ajudar nos afazeres domésticos e a servir os convidados que recebemos em casa e também sigo regras muito mais brasileiras do que turcas no meu cotidiano), é importante ostentá-los para a sogra e os parentes do marido. Dançar conforme a música nas ocasiões necessárias te salva de muitos perrengues!

- Nunca discuta com sua sogra. Demonstrar que não gostou de algo tudo bem, mas bater boca já é arriscado demais! Se ela fizer algo ruim, peça ao seu marido para conversar com a danada sobre o ocorrido. Com isso você evita desgastar a relação e não dá margem para discussões desnecessárias com ela e com o seu marido.

- Seja diplomática e não desaforada. Dificilmente haverá paz no seu relacionamento com um turco se você escolher guerrear com a mãe dele. E lembre-se: mãe é mãe! Respeite essa relação.

- Seja realista e prática: se o seu namorado/marido turco não sabe dizer não para a mãe dele, provavelmente o casamento de vocês será um inferno (a menos que a sogra more a léguas de distância). Então, você tem basicamente duas opções: ou casa e atura ou termina e se livra! Não adianta escolher a primeira opção e depois viver se lamuriando.

- Cobre que o seu namorado/marido seja a ponte entre você e a mãe dele. São obrigações dele: amenizar o choque cultural entre vocês, frear os ímpetos da mãe dele de se intrometer na sua vida e de te preservar durante o processo de integração. Ele precisa lembrar

a mãe dele e todo o resto da família de que você NÃO É TURCA, logo eles não podem esperar que você aja como uma. O homem turco incapaz disso não será o marido mais ideal para ti. Má notícia: GRANDE parte dos homens turcos não consegue lidar bem com esse impasse e acaba cedendo aos caprichos da mãe. Portanto, cuidado na hora de se envolver com turcos!

A minha sogra tem todas as características citadas acima e o que me salvou de uma relação desastrosa com ela foram dois fatores básicos: o meu jogo de cintura em lidar com uma matriarca de sangue quente, ciumenta e superprotetora e a atitude do meu marido que sempre exigiu que a mãe dele respeitasse o nosso espaço. E com isso conseguimos ter um convívio super saudável e afetuoso, e eu já tive várias provas de que posso contar com ela para o que eu precisar!

Os depoimentos das brasileiras, acima, foram escolhidos porque as circunstâncias de vida das brasileiras em questão fazem, de certa forma, um contraponto uma à outra. No primeiro caso, uma brasileira, convertida ao Islã, mas que mora no Brasil, e, no segundo caso, uma brasileira que não se converteu ao Islã e que mora na Turquia. Apesar disso, observa-se que ambos os depoimentos coincidem em alguns aspectos: 1) a sogra como figura muito presente, que se intromete na vida do casal, dando palpites em tudo, criticando a nora estrangeira por não saber fazer as coisas à maneira turca, sem levar em consideração o tempo necessário para que a nora se adapte à nova realidade: 2) o papel do marido, que acaba ficando no meio desse "fogo-cruzado", compreende as dificuldades da esposa, intervém, às vezes, para amenizar a situação, mas, no final, tendem a ceder às vontades da mãe ou da família; 3) se a nora conseguir ter jogo de cintura e conseguir contornar essas dificuldades, passarão a ter uma segunda mãe com quem poderá contar para praticamente tudo; 4) em razão de a cultura turca tender a ser mais conservadora que a brasileira e por conta dessa presença forte da figura da sogra na relação, sugerem que as brasileiras tenham cuidado na hora de se envolverem com turcos. A brasileira que se converteu, inclusive, vai mais além, sugerindo que brasileiras que não se interessem pelo Islã e que não queiram abrir mão de coisas normais no Brasil, mas contrárias à moralidade islâmica (biquini na praia, da carne de porco, do vestido decotado, da maquiagem pesada, da liberdade de andar sozinha, das baladas), não entrem para uma família muçulmana.

É claro que, às vezes, é muito difícil conseguir contornar o problema da interferência familiar, ou, mais especificamente, da interferência da sogra, na relação. Esse

problema, aliás, foi referido por 10 respondentes como sendo característica que interfere negativamente no relacionamento. Nesses casos, o fim do relacionamento parece ser inevitável, como o foi no caso de duas das respondentes.

## 5 CONCLUSÕES

O objetivo desta monografia, evidentemente, é dar uma ideia geral sobre o tema relacionamentos entre brasileiros e turcos e tentar, quiçá, inferir perfis e/ou detectar padrões relacionais recorrentes. Evidentemente, seria impossível aprofundar-se em poucas linhas em tema tão complexo que envolve ciências como Psicologia, Antropologia e Sociologia.

Evidentemente, também, o "sucesso" de um relacionamento é um tema muito subjetivo. Isto explica o porquê de essa palavra sempre aparecer entre aspas ao longo do trabalho. Por isso, nesta monografia, o "sucesso" de um relacionamento significa, estritamente, que o relacionamento continua.

Cumprido, também, alertar que o fato de o relacionamento continuar não é, necessariamente, sinônimo de relacionamento "feliz". Como é do conhecimento empírico de todos nós, relacionamentos que se mantêm não necessariamente são felizes, e relacionamentos desfeitos não necessariamente são sinônimos de infelicidade ou de que o amor acabou. Variáveis de outra ordem podem influenciar a manutenção ou término de um relacionamento.

Recentemente, uma brasileira que não respondeu ao questionário esteve no Consulado. Ela e o marido resolveram não mais morar juntos. Ela vai, em breve, alugar apartamento e morará só e ele voltou para a casa da mãe. Disse estar claro para os dois que o amor não acabou, mas as incompatibilidades em outros aspectos da vida conjugal, nesse caso, de ordem laboral e financeira, acabaram desgastando o relacionamento. Novamente, também nesse caso, a brasileira em questão fez críticas à postura superprotetora da sogra que, segundo, revelou, não cobra do filho responsabilidades, seja de correr atrás de emprego (está desempregado há alguns meses), ou de ajudá-la nas tarefas domésticas.

Infelizmente, o número de respondentes que já terminaram o relacionamento com seu par turco foi pequeno e, portanto, não foi possível inferir muito sobre as possíveis razões para o rompimento.

Apesar disso, fica claro em dois dos casos, que a intromissão da família turca contribuiu para o desfecho. Uma das respondentes escreve em seu questionário que "a



relação do ex-marido com a progenitora beirava o Complexo de Édipo". Outra declara que a família do ex-marido a teria prejudicado muito.

Além dos mais, outros 10 respondentes referiram o problema do apego e interferência excessivos da família, mais especificamente, da sogra. Por essa razão, dediquei capítulo a parte sobre a "famigerada" sogra turca.

Mas, quanto aos brasileiros cujos relacionamentos perduram, situação em que se encaixa a maioria dos respondentes, do questionário, que perfil emergiu da análise de dados? Trata-se, essencialmente, de mulheres, casadas., com nível superior, provenientes das classes sociais mais favorecidas no Brasil (A ou B), que trabalham na Turquia e trabalhavam no Brasil, que falam inglês, que já tinham saído do Brasil e vindo à Turquia antes de se mudarem para cá de vez e, finalmente, que moram com o marido (e, em alguns casos, filhos) aqui na Turquia. E o único representante masculino da pesquisa, excetuando-se, obviamente, o item "sexo", encaixa-se ele nesse perfil geral? Sim, em quase tudo. É casado, tem nível superior completo, proveio de família da classe A, ou seja, com faixa salarial acima de R\$ 9.745,00, falava inglês com a esposa quando se conheceram, e mora somente com a esposa. Porém, nunca tinha vindo à Turquia antes de aqui estabelecer-se. Concorde com a maioria em que os turcos são receptivos. Aparenta ter a postura ambivalente em relação ao papel da família turca no relacionamento, mencionada na análise dos resultados, pois respondeu na questão 20 (traços da cultura turca que influenciam positivamente em seu relacionamento) que tem muito suporte familiar da esposa e, na questão 21 (traços da cultura turca que influenciam negativamente em seu relacionamento), respondeu que os turcos são extremamente ligados à família e protetores, algo que, segundo ele, atrapalha pelo fato de os turcos não confrontarem (a família) em hipótese alguma.

Não houve registro no grupo referido no parágrafo acima de brasileiras vivendo em união estável com companheiro. Na Turquia, não existe a figura jurídica da união estável. Os estados civis são os quatro clássicos: solteiro(a), casado(a), divorciado(a) ou viúvo(a). Sendo um país conservador, ainda que mais liberal em termos de costumes se comparado aos vizinhos do Oriente-Médio, em que o partido dominante (AKP -Adalet ve Kalkınma Partisi que significa Partido da Justiça e Desenvolvimento) é de tendência conservadora e, segundo alguns, islâmica (ideia rejeitada pelo partido), a ideia de união estável é, no mínimo, vista como algo estranho. Veja-se, por exemplo, matéria que trata da proibição de que pessoas vivendo em união civil se tornem policiais (anexo 2). A notícia original, em turco,

(<http://www.hurriyet.com.tr/gundem/27964982.asp>), foi publicada em 15 de janeiro deste ano no conhecido jornal "Hürriyet". Uma das respondentes, que vivia em união estável com seu companheiro (o relacionamento terminou), deu a seguinte resposta à questão 22: "A família dele sempre foi muito presente. O pai e a mãe apoiaram a decisão do filho em se relacionar com uma estrangeira, porém foram contra o fato de que a união estável não levou a um matrimônio."

Há, também, o caso de casal brasileiros que vive em união estável. Ele veio para Turquia a trabalho, junto com a companheira e o filho do casal, e precisarão casar para regularizar a situação imigratória dela, que, até o momento, está como turista no país.

Outro exemplo de como a ideia de união civil ou de famílias não-tradicionais que fujam ao padrão casal (homem e mulher) + filhos é estranha à cultura turca é caso de brasileiras (duas, se não me falha a memória) que tiveram dificuldade para casar porque não consta de suas certidões de nascimento o nome do pai, ou seja, estão registradas apenas no nome da mãe. Foi necessário que o Consulado fizesse declaração explicando que, no Brasil, é possível se fazer registro de nascimento somente com o nome da mãe.

Ao final, com base nos dados obtidos pelos questionários, na minha própria experiência consular, nas conversas informais que tive sobre o assunto e no li e ouvi sobre o assunto em blogs, vlogs e fóruns, arrisco-me a concluir que há mais probabilidade de que relacionamentos de brasileiro(a) e turco(a)s sejam "bem-sucedidos": 1) se as partes se conhecerem pessoalmente; 2) se houver, desde o início, uma língua comum que facilite a comunicação direta e sem entraves, possibilitando, assim, que o casal se conheça melhor; 3) se a parte brasileira já tiver tido a experiência de sair do Brasil e, mais ainda, se tiver tido a oportunidade de conhecer a Turquia (e os turcos) ; 4) se a parte turca já tiver sido exposta a culturas mais ocidentais, mais ainda, se tiver morado em país ocidental; 5) se a parte turca, neste caso, o homem turco for mais liberal em costumes e religião, ou seja, um turco não muito típico, e aceite a maior independência da mulher brasileira, não impondo, por exemplo, que a parte brasileira não trabalhe e fique só cuidando da casa e dos filhos ou que se vista de maneira conservadora; 6) se a parte brasileira, neste caso, a mulher brasileira entender a importância da família na cultura turca, em especial, a importância da mãe turca, e tenha flexibilidade para lidar com a interferência familiar, que é provável que aconteça, em maior ou menor grau; 7) se o casal morar em sua própria casa, sem outros membros da família turca morando com eles; 8) se a mulher brasileira se vestir de maneira um pouco mais

conservadora, sem que isso signifique usar indumentária islâmica que cubra o cabelo e/ou o rosto.

No fórum “Turkey.com”, um homem pergunta “o que faz um relacionamento com um(a) turco(a) dar certo”. Em seguida à pergunta, faz o seguinte comentário: “Estou curioso sobre isso. Conheci várias pessoas que entraram para famílias (via casamento) e, a maioria desses casamentos, não estão dando certo. No entanto, alguns desses casais que conheço estão muito felizes. Por isso, pergunto-me: o que faz com que o casamento com um(a) turco(a) realmente dê certo? Acho que a resposta inicial seria o amor, mas isso aplica-se a qualquer casamento. Que coisas são importantes em um casamento com um(a) turco(a) que são específicas desse tipo de casamento? Vejamos a resposta de uma moça inglesa à pergunta:

“Vivo com meu marido há 5 anos e, sim, às vezes é difícil, mas não atribuo (a dificuldade) ao fato de ele ser turco, mas a ele como pessoa, ao humor, às atitudes e, também, à idade dele....

Eu e meu marido nos conhecemos nas férias. Eu estava bebendo e dançando, mas não ficava bêbada todas as noites, e, com certeza, não estava usando roupas provocantes, nem me jogando em cima de todo jovem turco que passava por mim. Ia dizer que isso provavelmente se devia à minha idade. Mas, depois de ver o comportamento de muitas mulheres de minha idade ou mais velhas quando estão de férias, o que me fez querer me esconder debaixo da mesa por causa (do comportamento) delas, senti-me meio envergonhada de ser inglesa e pensei que não é de se estranhar que as meninas e mulheres inglesas tenham adquirido uma reputação tão ruim nesses “resorts” da Turquia. Por isso, rejeitei a ideia de que isso se devia ao fato de que era mais velha. Isso deve-se à maneira como fui educada e a minha própria personalidade.....

Começamos um relacionamento e, passados mais ou menos 4 meses, mudei-me para a Turquia para morar com ele. Inicialmente, mudei-me para lá por que, obviamente, estava preocupada que ele não estivesse querendo me usar (visto, dinheiro, etc). Por isso, queria saber como ele se comportava comigo diante de amigos e da família e como ele se comportava comigo no geral.....Não tinha nada com que me preocupar.....Depois de 2 anos, viemos os dois para o Reino Unido e estamos morando aqui há 3 anos.

Meu marido é muçulmano não-praticante. Sou e sempre fui atea. Nunca escondi isso dele ou da família dele, mas sempre fui aceita e nunca me pediram para mudar nesse aspecto. Dou-me muito bem com a família dele e sou particularmente próxima da mãe dele e

duas das tias dele. Ele também é muito ocidentalizado e nunca foi muito ligado à cultura turca. Ele nunca teve problemas com a maneira com que me vestia. Na verdade, ele elogiava meu jeito de vestir. Ele tem orgulho da maneira como cuido da casa (algo que seus amigos turcos sempre comentaram). Eu frequentemente faço comida turca para nós. Ele e os amigos dele adoram. Ele quase nunca pede para eu fazer comida turca. Eu é que eu gosto de fazer. Ele adora “Yorkshire Pudding”, molho “gravy” de cebola e sanduíche de bacon. Portanto, não há motivo para discussão. Ele não se importa que eu beba em casa ou quando saímos. Adoramos encontrar pessoas, ir a diferentes bares e, depois, seguir para uma boate. Por isso, não há discussões por causa disso. Vamos juntos à maioria dos lugares. Nossa vida é juntos. Ele diz: pra que se casar e fazer tudo separado e viver em países diferentes (como é o caso de alguns casais que, provavelmente, estão aguardando seus vistos). Se nos separássemos, sei que não teria nada a ver com o fato de ele ser turco. Seria pelas mesmas razões que levam casamentos a fracassar.

Acho que, se o marido for muito turco e só quiser vivenciar a cultura turca, aí, sim, é que os problemas começam. Qualquer relacionamento deve basear-se em dar e receber e isso inclui as diferenças culturais.

Já vi, várias vezes, rapazes turcos que se casam ou ficam noivos de garotas ou mulheres inglesas que conheceram quando estas estavam de férias, portanto, imagine que ela estivesse lá com amigos, curtindo as férias dançando (com pouca roupa), bebendo, etc. e alguma coisa nela, obviamente, o atraiu. O relacionamento continua depois que ela regressa para o Reino Unido....depois eles acabam casando-se...aí *boom* ela tem que parar de beber (porque) ele não gosta que ela beba, ela passa a ter que usar roupas que não deixem à mostra muita coisa, ele chega até mesmo a dizer que ele quer que ela se torne muçulmana e se cubra e por aí vai....Então, muitos casos como estes aconteceram....e, talvez, essa seja a razão pela qual muitos relacionamentos não duram....A maioria das garotas/mulheres estavam sendo usadas principalmente para que ele obtivesse um visto. Mas há exceções e acho que esses casamentos fracassam porque o marido não está disposto a ceder em nada. Ele quer que tudo seja do jeito que ele quer....Também acho que muitos homens turcos permitem que suas famílias se metam demais em seus casamentos e muitos deles colocam sua família turca acima de sua família inglesa....

Não tenho ilusões de que eu tenha encontrado o homem turco perfeito.... ou de que vamos ficar juntos para sempre. Espero que fiquemos juntos para sempre mas não há

nada garantido na vida. Você tem que fazer o melhor possível porque você nunca sabe o que o aguarda na esquina.

Temos aqui um caso envolvendo estrangeira que vive união estável com um turco. Moram atualmente no Reino Unido, mas já moraram na Turquia por 2 anos, embora não fique totalmente claro no texto se moravam juntos na mesma casa ou em casa separadas. Temos aqui uma história de relacionamento aparentemente “bem-sucedido” por período razoável de tempo (5 anos). O post é de 2009 e, portanto, não se sabe se o casal ainda permanece junto. O importante, porém, é ilustrar como o depoimento dessa inglesa parece corroborar alguns dos pressupostos que inferi para o “sucesso” de um relacionamento entre brasileiros e turcos. Com exceção dos itens 4, 6 e 8, que não puderam ser inferidos com segurança do depoimento acima, o restantes pressupostos parecem também ser válidos para esse casal turco-inglês: conheceram-se pessoalmente; havia uma língua comum que permitia que se comunicassem (embora não se faça referência no depoimento ao nível de fluência dele quando se conheceram nem se ela chegou a aprender turco durante os dois anos em que morou na Turquia); ela já havia viajado para o exterior, mais especificamente, para a Turquia; ele e família, apesar de muçulmanos, parecem ser mais liberais em costumes e religião, ou seja, não parecem turcos muito típicos; e, o casal não morou com a família turca dele.

Como já vem fazendo o Portal Consular do MRE, cabe alertar as brasileiras a terem muito cuidado com os relacionamentos virtuais. Embora nenhum dado desta monografia corrobore a ideia de que relacionamentos virtuais são mais fadados ao insucesso, inclusive, como já referido antes, 3 das respondentes conheceram seus pares turcos pelas redes sociais, o bom-senso e a prática consular recomendam que o brasileiro nessa situação aja com muita cautela. Relato, nos parágrafos abaixo, casos que ilustram bem os riscos.

Em outubro de 2013, vieram ao Consulado brasileiro acompanhada de seu namorado turco que conhecera pela internet. O namorado turco é que se dirige a mim, no balcão de atendimento consular, para saber o que era necessário para se fazer declaração de estado civil. Como já referido anteriormente, esse documento é frequentemente solicitado pelos cartórios turcos para a realização de casamentos. Estando ela no Consulado de seu país, era razoável esperar que tivesse tido a iniciativa de fazer a pergunta sobre a declaração de estado civil. Não foi o caso. No entanto, o que realmente me chamou a atenção foi a fisionomia da referida brasileira: visivelmente constrangida, quase assustada. Vendo isso, dirigi-me diretamente a ela. Ela estava com dificuldade até para falar. Não parecia de maneira

alguma satisfeita ou entusiasmada com a perspectiva de casamento. Em dado momento, perguntei-lhe diretamente se queria realmente se casar. Depois de hesitar um pouco, disse que havia conhecido o namorado pela internet e que, ao chegar à Turquia, percebeu que as coisas não eram bem como ela imaginava. O noivo era de família de poucos recursos econômicos e conservadora. As mulheres de sua família são “kapalı”, que, literalmente, significa fechado(a)(s), em turco, mas, que, em se tratando de indumentária feminina, quer dizer que mulher cobre a cabeça. Ainda que de forma hesitante, revelou que preferia voltar para o Brasil. Não havia língua comum de comunicação. Ela não falava turco, ele tampouco falava português e nenhum dos dois falava inglês. A partir desse momento, precisei da ajuda de colegas que falam turco para melhor lidar com a situação e tentar explicar ao namorado o que estava acontecendo. Surge um problema: a passagem aérea, comprada pelo noivo, era somente de vinda e tinha como destino final Atenas (São Paulo – Istambul – Atenas). Nem o noivo, nem a família da brasileira em questão disse ter condições de comprar a passagem de retorno. Solicitou-se, então, a repatriação. Com o fim da perspectiva de casamento, criou-se situação constrangedora com a família do namorado. Enquanto se esperava pelos recursos para a repatriação, cogitou-se deixá-la hospedada em hotel utilizando-se recursos da dotação ABE-PJ do Posto. O namorado, apesar de chateado com a desistência do casamento, ficou preocupado de deixá-la sozinha no hotel e sugeriu que ela permanecesse em sua casa nesse meio tempo. Finalmente, os recursos para a repatriação chegaram e a nacional em questão retornou para o Brasil em 11 de Outubro de 2013.

Em meados do ano passado, vários meses depois do ocorrido, qual não foi minha surpresa ao chegar à área consular e ver a mesma nacional, acompanhada do mesmo rapaz turco, com que tinha vindo primeiramente ao Consulado no ano anterior. Perguntei-lhe o que fazia de novo na Turquia. Disse que o namorado voltou a insistir na ideia de casamento e que, por isso, havia resolvido voltar. Entretanto, tinha de novo chegado à conclusão de que não queria casar e, assim, voltou ao Consulado para pedir nova repatriação já que, tal como da primeira vez, o namorado só lhe havia comprado passagem de vinda até Atenas (São Paulo – Istambul – Atenas). Foi-lhe informado que não era possível repatriar cidadão brasileiro mais de uma vez, a não ser que tivesse ressarcido o Tesouro Nacional do débito referente à primeira repatriação. Encerrou-se a conversa aí e a moça foi-se embora insatisfeita.

Algum tempo depois, voltaram para fazer a declaração de estado civil. Tal como na primeira ocasião, em 2013, não parecia estar satisfeita de estar casando. Parecia apenas

conformada com o fato de que, não tendo ela ou sua família no Brasil condições de lhe pagar o bilhete de retorno e não sendo possível sua repatriação por intermédio do Consulado, não lhe restava saída se não o casamento.

Depois de casados, vieram registrar o casamento. Poucas semanas depois, postou em sua página do facebook estar confusa e sem esperança. Coincidentemente, atendi nessa mesma semana casal de pastores evangélicos que, no meio da conversa, disseram que depois de sair do Consulado, iriam encontrar-se com “uma brasileira” que estava passando por situação difícil. Tendo lido os “posts” no facebook, atrevi-me a perguntar o nome da brasileira que iam tentar ajudar. Tratava-se, sim, da mesma moça. No mesmo dia, foi postada foto dos casal de pastores e do casal turco-brasileiro como dando a entender que o casal havia se reconciliado. Poucos dias depois, os pastores fizeram um ato a que chamaram de “caminhada do amor” do qual o casal participou. A moça já era evangélica no Brasil, embora de igreja de outra denominação. Depois disso, não se teve mais notícias dela.

O segundo caso é o de brasileira que tinha se convertido ao Islã e passou a acessar redes sociais com o intuito de conhecer muçulmanos. Assim, acabou conhecendo aquele que viria a ser seu futuro marido no facebook. Tal como no caso da primeira história, nunca havia saído antes do Brasil. Tampouco, o casal falava uma língua comum.

Resolveu, então, comprar a própria passagem e vir a Turquia conhecê-lo. Entretanto, mudou de ideia e resolveu casar. Depois de casados, o marido a levou para morar com os pais numa cidade pequena a mais ou menos 3 horas de Istambul. Ele, segundo consta, nunca havia trabalhado formalmente. Ela, por sua vez, trabalhava como massagista. Quando tinha clientes, vinha a Istambul, porém, sempre na companhia dele. A relação dela com a família começou a deteriorar-se de tal modo que, numa ocasião, relatou que a sogra a teria ameaçado com uma faca. Depois de insistir, conseguiu convencer o marido a vir morar em Istambul alegando, além dos problemas que estava passando com a família dele, o fato de todos os seus clientes morarem nesta cidade.

Enquanto aqui moraram, ele não trabalhou e era ela que sustentava a casa com seu trabalho de massagista. Estiveram no Brasil e durante essa estada, surgiram acusações de que ele teria tentado assediar sexualmente a filha dela (de outro relacionamento). Quando confrontado, teria ameaçado a esposa, dizendo que sabia onde a família dela morava e que viria matá-los. Ela, com medo do que ele poderia fazer à família dela, resolveu voltar

com ele porque entendia ser essa a única forma de ter certeza de que ele retornaria para a Turquia e ficaria longe de sua família no Brasil.

Depois que voltaram do Brasil, o marido começou a insistir para que voltassem para a cidade onde moravam antes e onde moravam seus pais. Ela não concordou e começaram as brigas. O estopim aconteceu quando ele a agrediu com um rolo de saco plástico de lixo. Ela saiu de casa e procurou o Consulado. Ficou, nesse ínterim em casa de amigas, e vinha com frequência ao Consulado para solicitar ajuda. Dizia querer permanecer na Turquia. Disse que tinha entrevista de emprego agendada. Num desses dias em que estava no Consulado, em dezembro do ano passado, ele apareceu. Discutiram e, no meio da discussão, ele a ameaçou de morte. Além do mais, ele conseguiu “raquear” a conta dela do facebook. Depois disso, conseguiu-se convencê-la a voltar imediatamente para o Brasil. A passagem de retorno foi financiada pela mãe.

Depois de voltar para o Brasil, contatou o celular de emergência consular para saber o que fazer para impedir que o marido entrasse no Brasil e foi orientada a procurar as autoridades brasileiras competentes. Ainda assim, depois disso, soubemos que ela voltou a se comunicar com ele, que ele teria pedido que ela voltasse e que teria jurado sob o Corão que não mais voltaria a bater nela.

Curiosamente, quando a nacional referida no primeiro caso fez seu apelo no facebook, em que se dizia se sentindo confusa e sem esperança, a nacional cuja história foi relatada logo acima aconselhou-a a procurar o Consulado para solicitar ajuda.

Os dois casos citados acima dão uma ideia de como os relacionamentos virtuais, principalmente, quando (e aí, vou de novo bater nas mesmas teclas) as partes envolvidas não falam uma língua comum, nunca sequer saíram do Brasil e conhecem nada ou muito pouco sobre a realidade do namorado estrangeiro (sua cultura, religião, sua família, sua MÃE....), podem ter consequências perigosas, ameaçando a integridade física e psicológica das mulheres brasileiras e, em casos extremos, colocando em risco a própria vida da mulher e de sua família.

A vontade de várias mulheres brasileiras, e, talvez, de alguns homens, também, de classes sociais menos favorecidas de encontrar um “príncipe ou princesa encantado(a)” estrangeiro(a), que vai-lhes tirar da situação econômica em que nasceram e dar-lhes uma vida mais digna, deve, provavelmente, ter contribuído para o crescimento dos relacionamentos virtuais de brasileiros e estrangeiros. Se antes do advento da internet, era necessário esperar



que o turista estrangeiro fosse até o Brasil, agora já não é mais o caso. Também, a existência na internet de ferramentas de tradução, faz crer (talvez, equivocadamente) que a barreira da língua foi, pelo menos, parcialmente contornada. A falta de informação generalizada, produto de uma educação estruturalmente deficiente que aflige nosso país, pode levar a alguns desses brasileiros e brasileiras a, erroneamente, acharem que todo estrangeiro é potencialmente rico.

A situação torna-se ainda mais delicada quando há filhos envolvidos. No caso de divórcio, caso a mulher brasileira queira voltar de vez para o Brasil, as coisas podem complicar-se, e mesmo que a mãe estrangeira permaneça com a guarda do menor, possivelmente, terá que permanecer morando na Turquia. Caso ilustrativo dessa situação é o de vlogueira brasileira, bem conhecida da comunidade brasileira deste país, que tem canal de nome “sobrevivendo na Turquia”.

Diante dessa situação, o melhor remédio continua sendo a prevenção pela informação. Por meio das páginas dos Consulados e Embaixadas, do Portal Consular e da mídia de forma geral.

Também, é importante que o Ministério das Relações Exteriores invista, cada vez mais, no treinamento dos servidores que atuarão na área consular, em particular, na área de assistência a brasileiros. Essa é a faceta mais visível para o público do trabalho do Itamaraty. Se os servidores, do quadro e locais, tiverem os meios necessários (treinamento e recursos financeiros) para melhor atuarem nesse área tão sensível, certamente, o público e a própria instituição Itamaraty sairão ganhando.

## REFERÊNCIAS

1. Amor do lado de lá: antes à distância, agora juntos. Amor Brasil-Turquia. Keli Have. Disponível em: <http://amordoladodela.blogspot.com.tr/2014/05/a-sogra-turca.html>
2. ATIVIDADES - ENSINO FUNDAMENTEL DO 6º AO 9º ANO - PIRÂMIDE ETÁRIA. Disponível em: <http://vamoscontar.ibge.gov.br/atividades/ensino-fundamental-6-ao-9/49-piramide-etaria>
3. I'm living where??? From Vegas to Turkey. Living with my Turkish mother in law: Disponível em: <https://mrsyazici.wordpress.com/2014/04/03/living-with-my-turkish-mother-in-law-part-1/>
4. Brasileiras pelo Mundo. O Ponto de Encontro Virtual. Turquia - Mãe turca, uma matriarca incansável. Aline Sahin. Disponível em: <http://www.brasileiraspelomundo.com/mae-turca-uma-matriarca-incansavel-071012866>
5. Editora Abril. Revista Super Interessante. Edição 2013. Maio 2005. Por que as sogras têm má fama. Guilherme Mota. <http://super.abril.com.br/historia/por-que-sogras-tem-ma-fama>
6. PANGEA TODAY - PEOPLE IN DOMESTICA PARTNERSHIP CANNOT JOIN POLICE IN TURKEY. Disponível em: <http://www.pangeatoday.com/people-in-domestic-relationships-cannot-join-turkish-police/>
7. POMEM Sonuçları açıklandı! İşte sonuçlar. Disponível em: <http://www.hurriyet.com.tr/gundem/27964982.asp>
8. RENDA E BEM ESTAR - QUAL A FAIXA DE RENDA FAMILIAR DAS CLASSES? Disponível em: <http://cps.fgv.br/node/3999>
9. Turkey CENTRAL.com What makes a marriage to a Turk work? Disponível em: <http://www.turkeycentral.com/topic/3895-what-makes-a-marriage-to-a-turk-work/>
10. Sobrevivendo na Turquia. Danny Boggione. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/turquiaeseusperigos>

## QUESTIONÁRIO PARA A MONOGRAFIA DO CEOC

**1) IDADE:** \_\_\_\_\_

**2) SEXO:**

☐ masculino

☐ feminino

**3) ESTADO CIVIL:**

☐ solteiro(a)

☐ casado(a)

☐ vivendo na mesma casa em união estável

☐ divorciado(a)

☐ viúvo(a)

**4) GRAU DE INSTRUÇÃO:**

☐ ensino fundamental incompleto

☐ ensino fundamental completo

☐ ensino médio incompleto

☐ ensino médio completo

☐ ensino superior incompleto

☐ ensino superior completo

**5) SE MORAVA COM A FAMÍLIA, EM QUAL DAS FAIXAS SALARIAIS  
ESPECIFICADAS ABAIXO SUA FAMÍLIA SE ENCAIXAVA?**

Acima de R\$9.745,00 ☐

de R\$7.475,00 a R\$9.745,00 ☐

de R\$1.734 a R\$7.475,00 ☐

de R\$1.085,00 a R\$1.734,00 ☐

de R\$0,00 a de R\$1.085,00 ☐

**6) SE MORAVA SOZINHO(A), EM QUAL DAS FAIXAS SALARIAIS  
ESPECIFICADAS ABAIXO VOCÊ SE ENCAIXAVA?**

- Acima de R\$9.745,00                    ( )  
de R\$7.475,00 a R\$9.745,00        ( )  
de R\$1.734 a R\$7.475,00            ( )  
de R\$1.085,00 a R\$1.734,00        ( )  
de R\$0,00 a de R\$1.085,00        ( )

**7) COMO CONHECEU SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A),  
COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) TURCO(A) ?**

- ( ) pessoalmente  
( ) pelas redes sociais

**8) AINDA CONTINUAM JUNTOS?**

- ( ) sim  
( ) não

**9) SE NÃO, ESTÁ OU PRETENDE SE RELACIONAR COM OUTRO(A) TURCO(A)?**

- ( ) sim  
( ) não

**10) EM QUE LÍNGUA SE COMUNICAVAM QUANDO SE CONHECERAM?**

- ( ) inglês  
( ) português  
( ) turco  
( ) usávamos os tradutores disponíveis na internet, tipo google translator  
( ) em outra língua que eu e ele(a) falamos que não inglês, português ou turco

**11) JÁ TINHA SAÍDO DO BRASIL ANTES DE VIR MORAR NA TURQUIA?**

- ( ) sim  
( ) não

**12) JÁ TINHA VINDO À TURQUIA ANTES DE VIR MORAR AQUI? SE SIM, QUANTAS VEZES E POR QUANTO TEMPO?**

☐ sim

☐ não

**13) QUAL ERA SEU GRAU DE CONHECIMENTO SOBRE A TURQUIA ANTES DE VIR MORAR AQUI?**

☐ nulo

☐ baixo

☐ médio

☐ alto

**14) TRABALHA FORA AQUI NA TURQUIA? SE NÃO, POR QUE NÃO TRABALHA?**

☐ sim

☐ não

**15) TRABALHAVA FORA NO BRASIL? SE NÃO, POR QUE NÃO TRABALHAVA?**

☐ sim

☐ não

**16) COM QUEM MORA NA TURQUIA?**

☐ sozinho(a)

☐ com amigo(s)

☐ com meu(minha) esposo(a), companheiro(a) ou namorado(a)

☐ com meu(minha) esposo(a), companheiro(a) ou namorado(a) e família dele(a)

**17) DE 0 A 10, COMO ESTÁ SUA ADAPTAÇÃO À VIDA NA TURQUIA?**

**18) NA SUA OPINIÃO, QUAIS CARACTERÍSTICAS DEFINEM OS TURCOS DE MANEIRA GERAL?**

**19) COM BASE NO QUE ESCREVEU NA QUESTÃO ANTERIOR, CONSIDERA SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) UM(A) TURCO(A) TÍPICO(A) ?**

**20) QUE TRAÇOS DA CULTURA TURCA SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) TURCO(A) TEM QUE MAIS INTERFEREM OU INTERFERIRAM POSITIVAMENTE EM SEU RELACIONAMENTO?**

**21) QUE TRAÇOS DA CULTURA TURCA SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) TURCO(A) TEM QUE MAIS INTERFEREM OU INTERFERIRAM NEGATIVAMENTE EM SEU RELACIONAMENTO?**

**22) A FAMÍLIA DELE(A) INTEREFERE NA RELAÇÃO? SE SIM, DÊ EXEMPLOS? AVALIA ESSA INTERFERÊNCIA MAIS COMO POSITIVA OU NEGATIVA?**

**23) QUE COISAS FAZIA NO BRASIL E QUE NÃO FAZ MAIS NA TURQUIA POR CAUSA DAS DIFERENÇAS CULTURAIS?**

## ANEXO 2 – Matéria na Imprensa Turca sobre União Estável

### People in domestic partnership cannot join police in Turkey

Local Source: [Hurriyet](#), January 20, 2015

Despite the fact that police officers became infamous after using excessive force against the public in the Gezi Park protests, the profession is still considered to be desirable. The power of police officers and their high pay make the occupation attractive.

Working in the police force requires certain levels of fitness capabilities and no criminal record. A new controversial condition was recently added to the requirements by the recruiting institution. People who live with their partners but are not married simply cannot work as cops.



The Turkish police are known for being shaped by the conservative AK ruling party. President Recep Tayyip Erdogan is famous for his statements on morals. Last year he said that male and female students living in flats together was “wicked” and asked that landlords interfere. Shortly after, the police raided some student houses.

Read full original article: in [Turkish](#) or [Google translate](#)

Fonte: <http://www.pangeatoday.com/people-in-domestic-relationships-cannot-join-turkish-police/>

### ANEXO 3 – Quadro de respostas

QUADRO DE RESPOSTAS					
IDADE	não responderam	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39
	6	0	4	5	2
IDADE	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59	60 a 64
	2	3	0	0	1
SEXO	MASCULINO	FEMININO			
	1	22			
ESTADO CIVIL	SOLTEIRO(A)	CASADO(A)	VIVENDO NA MESMA CASA EM UNIÃO ESTÁVEL	DIVORCIADO(A)	VIÚVO(A)
	2	20	0	1	0
GRAU DE INSTRUÇÃO	não respondeu	FUNDAMENTAL	MÉDIO	SUP. INC.	SUP. COM.
	1	0	0	3	19
SE MORAVA COM A FAMÍLIA, EM QUAL DAS FAIXAS SALARIAIS ESPECIFICADAS ABAIXO SUA FAMÍLIA SE ENCAIXAVA?	acima de R\$9.745,00	R\$7.475,00 a R\$9.745,00	R\$1.734 a R\$7.475,00	R\$1.085,00 a R\$1.734,00	R\$0,00 a R\$1.085,00
	9	4	5	1	1



SE MORAVA SOZINHO(A), EM QUAL DAS FAIXAS SALARIAIS ESPECIFICADAS ABAIXO VOCÊ SE ENCAIXAVA?	acima de R\$9.745,00	de R\$7.475,00 a R\$9.745,00	de R\$1.734 a R\$7.475,00	de R\$1.085,00 a R\$1.734,00	de R\$0,00 a de R\$1.085,00
	0	0	2	0	0
COMO CONHECEU SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) TURCO(A) ?	pessoalmente	pelas redes sociais			
	20	3			
AINDA CONTINUAM JUNTOS?	SIM	NÃO			
	20	3			
SE NÃO, ESTÁ OU PRETENDE SE RELACIONAR COM OUTRO(A) TURCO(A) ?	SIM	NÃO			
	2	1			
EM QUE LÍNGUA SE COMUNICAVAM QUANDO SE CONHECERAM?	inglês	português	turco	usávamos os tradutores disponíveis na internet, tipo google translator	em outra língua que eu e ele(a) falamos que não inglês, português ou turco
	19	0	2	1	1(alemão)
JÁ TINHA SAÍDO DO BRASIL ANTES DE VIR MORAR NA TURQUIA?	SIM	NÃO			
	19	4			
JÁ TINHA VINDO À TURQUIA ANTES DE VIR MORAR AQUI? SE SIM, QUANTAS VEZES E POR QUANTO TEMPO?	SIM 1 vez por menos de 1 mês	SIM 1 vez por 1 mês ou mais	SIM mais de 1 vez por menos de 1 mês cada vez	SIM mais de 1 vez por 1 mês ou mais de cada vez	NÃO

	2	2	4	6	9
QUAL ERA SEU GRAU DE CONHECIMENTO SOBRE A TURQUIA ANTES DE VIR MORAR AQUI?	nulo	baixo	médio	alto	
	0	9	12	2	
TRABALHA FORA AQUI NA TURQUIA? SE NÃO, POR QUE NÃO TRABALHA?	SIM	NÃO trabalho FORA DE CASA, mas tenho meu próprio negócio ou trabalho como freelancer	NÃO porque tenho filhos	NÃO porque não tenho a cidadania turca ainda	NÃO porque não consegui emprego ainda
	16	2	3	1	1
TRABALHAVA FORA NO BRASIL? SE NÃO, POR QUE NÃO TRABALHAVA?	SIM	NÃO trabalhava FORA, mas trabalhava como freelancer	NÃO porque estudava		
	21	1	1		
COM QUEM MORA NA TURQUIA?	sozinho(a)	com amigo(s)	com meu(minha) esposo(a), companheiro(a) ou namorado(a)	com meu(minha) esposo(a), companheiro(a) ou namorado(a) e a família dele(a)	não estava mais morando na Turquia quando respondeu ao questionário
	1	1	19	1	1
DE 0 A 10, COMO ESTÁ SUA ADAPTAÇÃO À VIDA NA TURQUIA?	não respondeu	0 a 3	4 a 6	7 a 9	10
	1	0	2	19	1

NA SUA OPINIÃO, QUAIS CARACTERÍSTICAS DEFINEM OS TURCOS DE MANEIRA GERAL?	acolhedores amáveis amigáveis calorosos hospitais receptivos	amorosos	apegados e cuidadosos com a família e aos amigos	arcaicos caipiras	arrogantes prepotentes
	14	1	9	2	1
	caprichosos	cerimoniosos	ciumentos possessivos	conservadores tradicionais	curiosos
	1	1	1	6	3
	difíceis de trabalhar com	dramáticos	educados	fiéis	grosseiros
	1	1	1	1	1
	hierárquicos	improvisam muito	inseguros	intolerantes no trânsito	intrusivos
	1	1	1	1	1
					preocupados com a própria imagem e a imagem da família perante a sociedade preocupados com a opinião da família e das pessoas em geral
	machistas	patriotas	pavil curto briguento sangue quente	persistentes	
	2	5	3	1	4
	prestativos	protetores	religiosos tementes a Deus	respeitosos para com os mais velhos	sedutores
	3	1	6	1	1
	sociáveis	supersticiosos	teimosos	temperamento forte	trabalhadores
	2	1	2	1	3

COM BASE NO QUE ESCREVEU NA QUESTÃO ANTERIOR, CONSIDERA SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A), UM(A) TURCO(A) TÍPICO(A) ?	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO	SIM, mas a resposta foi baseada numa só característica	NÃO, mas a resposta foi baseada numa só característica
	11	4	7	1	0
QUE TRAÇOS DA CULTURA TURCA SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) TURCO(A) TEM QUE MAIS INTERFEREM OU INTERFERIRAM POSITIVAMENTE EM SEU RELACIONAMENTO?	amabilidade	apegados e cuidadosos com a família e aos amigos	bom coração	carinho	cavalheirismo
	1	13	1	1	1
	compromisso e seriedade no relacionamento	companheirismo	crença em Deus	cultura e educação	fidelidade lealdade
	1	1	1	1	2
	hospitalidade	persistência	proteção	respeito	não respondeu
	2	1	1	2	3
QUE TRAÇOS DA CULTURA TURCA SEU(SUA) ATUAL OU EX-ESPOSO(A), COMPANHEIRO(A), NAMORADO(A) TURCO(A) TEM QUE MAIS INTERFEREM OU INTERFERIRAM NEGATIVAMENTE EM SEU RELACIONAMENTO?	apego e interferência familiar excessivos	ciúme	divisão das tarefas de casa	grosseria	impontualidade

	10	3	1	1	1
	nenhum	preocupação excessiva com a opinião alheia e em agradar os outros	tabagismo	teimosia	
	2	4	1	1	
A FAMÍLIA DELE(A) INTEREFERE NA RELAÇÃO? SE SIM, DÊ EXEMPLOS? AVALIA ESSA INTERFERÊNCIA MAIS COMO POSITIVA OU NEGATIVA?	SIM/POSITIVA	SIM/NEGATIVA	SIM/ÀS VEZES DE MANEIRA POSITIVA, ÀS VEZES DE MANEIRA NEGATIVA	NÃO	Já interferiu. Agora não mais.
	0	6	3	13	1
QUE COISAS FAZIA NO BRASIL E QUE NÃO FAZ MAIS NA TURQUIA POR CAUSA DAS DIFERENÇAS CULTURAIS?	nada	me vestia de maneira mais descontraída	saía para dançar e beber com os amigos	entrava em casa de sapato	manifestação pública de afeto
	6	10	3	2	2
	era mais espontâneo(a)	dirigia sozinho(a) para lugares mais distantes	tinha uma vida social mais ativa	convidava os colegas de trabalho para irem minha casa	pintava as unhas
	1	1	2	1	1
	saía de cabelo molhado	gargalhava em público	cumprimentava homens com beijo	olhava para homens na rua	era mais simpático(a) com estranhos
	1	1	1	1	1
	ia à academia	ia ao teatro			
	1	1			